

BID quer reativar o co-financiamento

por Celso Pinto
de Caracas

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) tentará contornar suas limitações de capital neste ano ativando operações de co-financiamento, especialmente com o Japão. A intenção é ampliar o raio de ação do banco na questão da dívida externa, o que poderá vir a envolver até operações que incluem o mercado secundário de ativos latino-americanos.

Essa é a orientação do novo presidente do BID, o uruguaiense Enrique Iglesias, como ele explicou em entrevista a alguns jornalistas brasileiros, depois do encerramento da vigésima-nona reunião anual da assembleia dos governadores do Banco, em Caracas. Iglesias assume formalmente a presidência no dia 1º de abril e sua pri-

meira viagem, depois disso, será ao Japão.

Já durante a assembleia do BID, os japoneses anunciaram sua disposição de colocar, ainda neste ano, US\$ 25 milhões no BID para apoio de cooperação técnica em projetos e outros US\$ 70 milhões em fundos de operações especiais. Sabese, de outro lado, que Iglesias espera alavancar pelo menos outros US\$ 500 milhões dos japoneses através de operações de co-financiamento com o BID.

A primeira operação desse tipo já está acertada. O presidente da Venezuela, Jaime Lusinchi, deverá assinar um empréstimo de US\$ 200 milhões para um projeto de bauxita quando for ao Japão, no início de abril: metade virá do BID e outra metade do Eximbank japonês. Iglesias mencionou sua expectativa de que possa, da mesma

forma, engajar os europeus nesse tipo de operações. "Já temos algumas promessas", disse ele.

"ANO DE TRANSIÇÃO"

Claramente, a intenção de Iglesias é evitar que este ano, que ele mesmo chama de "ano de transição", seja mais um ano perdido para o BID. O banco praticamente estagnou seus empréstimos nos últimos anos entre US\$ 2 bilhões e US\$ 2,5 bilhões ao ano, em função do impasse sobre a sétima rodada de aumento de capital. Esse impasse acabou levando o presidente anterior, Antonio Ortiz Medina, a renunciar em dezembro. Iglesias pediu tempo para "costurar" um novo consenso entre os países-membros e já anunciou não esperar resolver a questão do aumento de capital ainda neste ano — talvez consiga fazê-lo na próxima reunião anual, em março, em Amsterdã, Holanda.

Através desse tipo de operações paralelas, e com o apoio do Japão, talvez Iglesias consiga fechar o ano com operações na casa de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3 bilhões, o que não é um salto fantástico, mas ajuda a criar a imagem de que o banco não parou. As operações de co-financiamento, ou financiamento paralelo, poderão vir a envolver também o Brasil, supõe Iglesias. Ele admite ser absurda a situação de alguns países, que têm tido fluxo negativo com o BID; no caso do Brasil, de cerca de US\$ 40 milhões no ano passado.

Iglesias sai de Caracas achando ter recebido dos países-membros do banco um claro mandato para ampliar a participação do BID no apoio à questão da dívida externa. Isso poderia incluir o BID como parte do "menu de opções" para a dívida, encorajado pela administração norte-americana. Tanto pelo engajamento do BID em es-

quemas mais amplos de financiamento a devedores quanto apoioando operações inovadoras, Iglesias trata esse ponto com compreensível cautela, mas deixa entender que o BID poderia vir a apoiar idéias de conversão de dívida em títulos via mercado secundário.

MUDANÇAS

Para satisfação dos Estados Unidos, que lideram o bloco dos que querem profundas mudanças no BID, Iglesias aceita a tarefa de rever os caminhos do banco. Pragmático, ele não teme que isso possa acabar transformando o BID — um banco regional com características bem próprias — numa espécie de subsidiária menor do Banco Mundial. Seu argumento é que o BID, queira-se ou não, já está envolvido em políticas macroeconómicas, de balanço de pagamentos, num contexto mais amplo da questão da dívida. "Nós já estamos no negócio", define.

Desta forma, se de um lado Iglesias tentará ampliar os recursos do banco e os mecanismos de financiamento e apoio à dívida, de outro aceitará o engajamento do BID em políticas que enfatizem a modernização e redução do papel do estado, a ênfase nas exportações e controle dos déficits públicos.

Para um antigo dirigente da Comissão Económica para a América Latina (Cepal), templo das teorias

de integração regional, substituição de importações, através de barreiras tarifárias, ampliação dos mercados internos e reforço no papel do estado como planejador, este tipo de discurso não deixa de ser algo surpreendente. Iglesias reage dizendo que a Cepal mudou muito em seus quarenta anos de vida e que imagens deste tipo correspondem à década de 50 — e foram razoáveis e bem-sucedidas. Além disso, diz ele, controlar e reformular o papel do estado, hoje, "é um problema de todos, de um Felipe González a um Gorbachov".

Em consequência desta nova ênfase, o BID, que se caracterizou como um banco de financiamento de projetos na década de 60, estará mais voltado para empréstimos setoriais, onde condicionalidades de política econômica mais abrangentes deverão estar presentes. Estes empréstimos deverão absorver até 25% do total das aplicações. Uma tendência, aliás, semelhante às mudanças ocorridas no Banco Mundial nos últimos anos, na mesma direção.

INTEGRAÇÃO

Iglesias acha que houve algumas mudanças para melhor na qualidade das políticas macroeconómicas na maioria dos países latino-americanos. Aumentou a capacidade exportadora, houve uma mudança "de mentalidade" em relação ao papel do estado e da

iniciativa privada e alguns avanços concretos em programas de integração regionais. Como exemplo, mencionou o Uruguai que negocia hoje 35% de seu comércio exterior com vizinhos.

Uma das tarefas, ao longo deste ano, será encontrar uma saída para a questão do poder de voto. Iglesias admitiu que algumas idéias novas surgiram nesta reunião anual, mas prefere tratá-las com cuidado. Os Estados Unidos quiseram, nos últimos dois anos, assegurar seu poder de voto, o que a América Latina, majoritária, não permitiu. Iglesias não pretende discutir a questão com a direção do BID antes que se forme um novo consenso.

As disputas internas tornaram as reuniões do BID, nestes últimos dois anos, tensas e infrutíferas. Iglesias procurou, na primeira reunião a que compareceu como presidente eleito, melhorar o ambiente e abrir portas para uma negociação futura. "Eu só quis fazer desta reunião a assembleia da esperança e do futuro", disse ele no encerramento formal do encontro. "Foi um êxito", concluiu. Apesar de seu otimismo, contudo, o caminho até a um consenso ainda é longo e árduo.